

O conceito de homem em Erich Fromm

ANTÓNIO MENEZES ROCHA

«A história social do homem iniciou-se quando ele emergiu de um estado de unidade indiferenciada do mundo natural, adquirindo consciência de si próprio como entidade separada.»

E. Fromm, *El Miedo a la Libertad*

«A consciência da sua solidão (do homem) e da sua 'separatidade' (separateness), da sua desvalidez face às forças da Natureza e da sociedade, tudo isso faz da sua existência separada e desunida uma importante prisão.»

«A vivência da "separatidade" provoca angústia; é, sem dúvida, a fonte de toda a angústia.»

«Sem amor, a humanidade não poderia existir nem mais um dia.»

«O amor é um poder activo no homem; um poder que atravessa as barreiras que separam o homem dos seus semelhantes e o une aos outros; o amor torna-o capaz de superar os seus sentimentos de isolamento e separatidade, e, no entanto, permite-lhe ser ele próprio, manter a sua integridade.»

E. Fromm, *El Arte de Amar*

«Cremos que o homem pode ser livre sem estar só. Pode alcançar esta liberdade realizando o seu eu.»

E. Fromm, *El Miedo a la Libertad*

«Nunca antes o homem estivera tão próximo, como hoje, da realização das suas mais caras esperanças. As nossas descobertas científicas e as nossas realizações técnicas permitem-nos antever o dia em que a mesa será posta para todos os que quiserem comer.»

E. Fromm, *Psychoanalysis and Religion*

INTRODUÇÃO

Erich Fromm, de origem austríaca, viveu grande parte da sua vida nos Estados Unidos da América e é um dos homens mais representativos da escola neopsicanalítica.

Os factores sociais têm uma importância extraordinária na sua obra, e o instinto seria função desses mesmos factores.

A sua obra, vasta e muito profunda, supõe actualmente uma oposição muito forte às concepções freudianas.

Segundo Fromm, o grande erro de Freud reside no facto de ele não ter considerado a grande diferença que existe entre a rigidez do animal e a relativa liberdade do homem no terreno dos instintos.

O homem possui uma sexualidade e todos os outros instintos que o animal também possui, mas não lhes está subjugado. Tem uma determinação de carácter sociocultural que deriva da antítese-síntese «instinto-sociedade».

Abordaremos, seguidamente, as ideias fundamentais da concepção antropológica de Erich Fromm.

I. O PROCESSO EVOLUTIVO DO HOMEM

«As inclinações humanas mais belas, assim como as mais repugnantes, não fazem parte de uma natureza humana fixa e biologicamente dada, antes resultam do processo social que produz o homem.»

E. Fromm, *El Miedo a la Libertad*, p. 37.

Erich Fromm parte de dois pressupostos básicos no seu conceito evolutivo do homem. Por um lado, refere-se ao tipo específico de conexão do indivíduo com o mundo, e, por outro, considera que o tipo de relação entre indivíduo e sociedade não é de carácter estático.

A história revela-nos o processo que o homem seguiu na sua formação. Mas a tarefa de analisar esse processo pertence à psicologia social. Esta tem como função solucionar a aparente contradição que constitui o seu tempo, quer dizer, o homem não só como produto da história, mas também esta enquanto produto do homem. E assim temos que o homem, por uma imperiosa necessidade de autoconservação, se vai moldando de acordo com um modo de vida pré-determinado pelas características peculiares do sistema socioeconómico em que vive. A sua personalidade forma-se de acordo com o tipo de existência especial que lhe

coube em sorte «já que, desde criança, teve que enfrentá-lo através do meio familiar, meio esse que exprime todas as características típicas de uma determinada sociedade ou classe»⁽¹⁾. Isto não quer dizer, no entanto, que, em conjunto com outros indivíduos, não possa operar mudanças políticas e sociais na sociedade.

Temos, em resumo, que a Natureza humana está determinada, por um lado, por impulsos biológicos e, por outro, precisa de se adaptar a um certo modo de vida com o fim de evitar a solidão e o isolamento. Há, todavia, que ter em conta que uma série de impulsos do indivíduo operam a partir de dentro sobre a Natureza e contribuem, de uma forma efectiva, para forjar o processo social.

1. O homem vinculado à natureza e a ruptura posterior

No princípio dos tempos, o homem encontrava-se num estado de unidade indiferenciada com o mundo natural. Foi, depois, tomando consciência de si próprio enquanto indivíduo separado da natureza e dos outros homens. Esta separação não se produziu de forma radical, mas de uma maneira muito lenta. A autoconsciência (*awareness*) que se foi forjando no indivíduo «permaneceu muito obscura durante largos períodos da história»⁽²⁾. Ao mesmo tempo que tinha consciência de si mesmo, ainda que parcialmente, enquanto entidade distinta, não deixava simultaneamente de se sentir parte do mundo circundante»⁽³⁾.

A recapitulação deste processo evolutivo da raça humana no sentido da individualização pode ser detectada na vida de qualquer indivíduo. A criança, ao nascer, deixa de constituir um ser com a mãe, para se

⁽¹⁾ E. Fromm, *El Miedo a la Libertad*, Ed. Paidós, Buenos Aires, p. 44.

⁽²⁾ *Ibidem*, p. 50.

⁽³⁾ *Ib.*

transformar num ente biologicamente distinto, apesar de continuar unido à mãe, de um ponto de vista funcional, durante um período considerável.

A criança, tal como o homem primitivo, necessita de segurança nesta primeira fase da sua vida. O que leva à carência da liberdade, implica uma falta de individualização, mas, sem dúvida, lhe confere segurança e orientação. Nesta primeira fase do desenvolvimento, o indivíduo necessita de «pertencer» a algo, de se sentir enraizado nalgum lado. A estes vínculos, que dão segurança ao indivíduo e que fazem parte do seu desenvolvimento humano normal, chama Fromm «vínculos primários».

Numa determinada ocasião, o indivíduo, ao possuir uma determinada estrutura organizada e integrada — que seria o «eu» ou a personalidade —, começa a tornar-se independente dos «vínculos primários» e tende a procurar a liberdade e a independência.

2. *A conquista da liberdade traz consigo o isolamento*

A liberdade seria um aspecto do processo de individualização. O outro aspecto seria a solidão. Quanto mais liberdade, mais solidão. O homem, à medida que emerge da sua união básica com o mundo exterior, dá-se conta da sua solidão, «de que é uma entidade separada de todas as outras». «Esta separação de um mundo forte e poderoso, e, amiúde também ameaçador e perigoso, cria um sentimento de angústia e de impotência» (4).

O homem desprotegido face às forças da natureza e da sociedade «ficaria louco, diz Fromm, se não pudesse libertar-se dessa prisão e estender a mão para se unir, de uma e outra forma, com os outros homens, com o mundo exterior» (5).

(4) *Ibidem*, p. 55.

(5) E. Fromm, *El Arte de Amar*, Ed. Paidós, Buenos Aires, 1966, p. 20.

Do ponto de vista filogenético, o passo decisivo do ser humano no sentido da individualização inicia-se, na história europeia e americana, segundo Fromm, em finais da Idade Média, com o Renascimento italiano, culminando na actualidade. Parece existir, todavia, uma grande desproporção entre a libertação dos vínculos primários e «a carência de possibilidades para a realização positiva da liberdade e da individualidade» (6). Daí o «medo da liberdade» que invade o homem actual e a solidão em que se encontra (7).

Numa tal situação, o homem foge da liberdade e procura novas cadeias (sistemas ditatoriais) ou, pelo menos, uma atitude de completa indiferença (sistemas democráticos).

3. *Soluções do homem moderno para o problema da solidão: a liberdade positiva, os mecanismos de evasão*

O homem «separado», ao deparar-se livre dos «vínculos primários», sente necessidade de encontrar novas formas de escapar ao estado de separação. E aqui começa a nova tarefa do homem: enraizar-se no mundo e encontrar a segurança por caminhos distintos dos empregues na sua existência individual. A liberdade adquire, então, um significado novo.

O homem, uma vez cortados os vínculos primários, tem que superar o insuportável estado de solidão e impotência em que se encontra. Segundo Fromm, abrem-se-lhe dois caminhos:

A — *A liberdade positiva*, que o homem pode alcançar através do estabelecimento espontâneo da sua conexão com o mundo

(6) E. Fromm, *El Miedo a la Libertad*, p. 64.

(7) E. Fromm, *El Psicoanálisis de la Sociedad Contemporánea*, Ed. Fondo de Cultura Económica de México, 1958.

no amor e no trabalho, na expressão genuína das suas faculdades emocionais, sensitivas e intelectuais. Deste modo, «voltará a ligar-se à humanidade, à natureza e a si próprio, sem se despojar da integridade e da independência do seu eu individual»⁽⁸⁾.

B — Os mecanismos de evasão, através dos quais o homem procura uma fusão com a natureza «daquela mesma maneira em que estava antes de emergir como indivíduo»⁽⁹⁾. Ora o facto da sua separação já não lhe permitirá essa união. O processo da sua «separatividade» não pode ser invertido. Por isso, esses mecanismos de evasão não constituem senão «uma forma de fugir a uma situação insuportável que, a prolongar-se, tornaria a vida impossível»⁽¹⁰⁾.

Analisaremos, mais adiante, o conceito de amor produtivo, base e condição para alcançar a liberdade positiva. Deter-nos-emos agora um pouco na análise dos vários mecanismos de evasão de que fala Fromm. São eles:

- a) O autoritarismo (sadismo, masoquismo)
- b) A destrutividade
- c) A conformidade automática

A estes mecanismos de evasão chama-lhes também Fromm «formas de adaptação» e desagrega-os em processo de assimilação e processos de sociabilização. No processo da vida, escreve Fromm, «o homem relaciona-se com o mundo: 1) adquirindo e assimilando objectos, e 2) relacionando-se com outras pessoas e consigo próprio. Chamarei, ao primeiro, processo de assimilação e, ao segundo, de socialização. Ambas as formas de relação são abertas e não, como nos animais, instintivamente determinadas. O homem pode adquirir objectos recebendo-os e assimilando-os de uma fonte exterior ou pro-

duzi-los por meio do seu próprio esforço (ver Quadro 1)⁽¹¹⁾.

Deter-nos-emos na análise das formas de adaptação correspondentes aos processos de sociabilização.

A. Autoritarismo. Este mecanismo cultural de evasão, com as suas formas extremas sádicas e masoquistas, é o resultado da tendência para a submissão e para a dominação que, por outro lado, existe tanto nos neuróticos como nos normais.

Nas duas formas de autoritarismo encontramos, segundo Fromm, «o resultado de uma necessidade básica única, que surge da incapacidade de suportar o isolamento e a debilidade do próprio eu»⁽¹²⁾.

O sádico necessita de absorver o seu objecto com o fim de se sentir seguro. O masoquista baseia a sua segurança na necessidade de ser absorvido. Em ambos os casos se perde a integridade do eu⁽¹³⁾.

Diz Fromm que ambas as tendências — masoquistas e sádicas — se encontram sempre misturadas, porque, na sua essência, estão radicadas na mesma necessidade básica⁽¹⁴⁾.

B. A destrutividade. É um mecanismo de evasão que tende à eliminação do objecto. «Difere do sadomasoquismo porquanto não se dirige à simbiose activa ou passiva, mas à eliminação do objecto»⁽¹⁵⁾. Todavia, também os impulsos destrutivos têm por raiz a impossibilidade de resistir à sensação de isolamento e impotência⁽¹⁶⁾.

Segundo Fromm, o destruir não soluciona a solidão, «mas trata-se de esplêndido isolamento, o qual já não pode ser aplacado pelo poder difusor dos objectos que me cir-

⁽⁸⁾ *El Miedo a la Libertad*, p. 176.

⁽⁹⁾ *Ibidem*, *ib.*

⁽¹⁰⁾ *Ibidem*, *ib.*

⁽¹¹⁾ E. Fromm, *Ética y Psicoanálisis*, p. 116.

⁽¹²⁾ *El Miedo a la Libertad*, p. 195.

⁽¹³⁾ *Ibidem*, *ib.*

⁽¹⁴⁾ *Ibidem*, *ib.*

⁽¹⁵⁾ *Ibidem*, p. 217.

⁽¹⁶⁾ *Ibidem*, *ib.*

QUADRO I

Assimilação	Sociabilização	
I — Orientação improdutiva		
a) Receptiva (aceitando)	Masoquista (lealdade)	simbiose
b) Exploradora (colhendo)	Sádica (autoridade)	
c) Acumulativa (conservando)	Destrutiva (asserção)	distanciamento
d) Mercantil (trocando)	Indiferente (equidade)	
II — Orientação Produtiva		
Trabalhando	Amando, raciocinando	

cundam. A destruição do mundo é o último intento — um intento quase desesperado — para evitar sucumbir perante ele.»⁽¹⁷⁾

A destrutividade não é, em geral, um impulso consciente, antes é racionalizado de diversas formas. O amor, o dever, a consciência, o patriotismo, etc., servem de disfarce para ocultar a destrutividade e a auto-destrutividade.

C. *A conformidade automática.* Consiste este mecanismo na adopção cega das normas da cultura em que se vive⁽¹⁸⁾. O indivíduo deixa de ser o mesmo; adopta as regras culturais que lhe oferecem e transforma-se num ser exactamente igual a toda a gente e tal qual esperam que ele seja. Assim, «a discrepância entre o eu e o mundo desaparece, e, com ela, o medo consciente da liberdade e a impotência (...). A pessoa transforma-se num autómato, idêntico a milhões de outros autômatos que a rodeiam, e já não tem razão para se sentir só e angustiada. No entanto, o preço que paga por isso é muito elevado: nada menos que a perda da sua personalidade»⁽¹⁹⁾. Diz Fromm que este mecanismo de evasão constitui a solução adoptada pela maioria dos indivíduos normais da sociedade moderna.

A perda do eu e a sua substituição por um

⁽¹⁷⁾ *Ibidem*, ib.

⁽¹⁸⁾ *Ibidem*, p. 224.

⁽¹⁹⁾ *Ibidem*, ib.

pseudo-eu não é solução, porque o indivíduo não é feliz e sente-se desconforme consigo próprio, mesmo que não conheça, a maior partes das vezes, a causa. A automatização do homem na sociedade moderna aumenta o desamparo e a insegurança do indivíduo médio, o que fortalece a tendência para a conformidade automática e converte-se num meio de cultura de regimes totalitários⁽²⁰⁾.

Chegados ao final desta primeira parte, onde analisámos o processo evolutivo do homem no sentido do amadurecimento, tiramos a conclusão de que o homem moderno se encontra numa espécie de «impasse», procurando soluções falsas para se libertar da solidão. Cabe, pois, perguntar se existe uma solução positiva, optimista para a solidão do homem angustiado. Fromm crê que sim, e propõe ao homem que se realize no amor produtivo que leva ao que ele chama «a liberdade positiva». Estes conceitos serão, todavia, analisados na terceira parte deste trabalho. Veremos, seguidamente, a concepção histórico-social do homem no pensamento de Erich Fromm.

II. O CONCEITO HISTÓRICO-SOCIAL DE HOMEM EM E. FROMM

Nesta segunda parte, dar-se-á especial atenção a um dos mais importantes contri-

⁽²⁰⁾ *Ibidem*, p. 37.

butos de Fromm para a Psicologia, a saber, a influência dos factores sociais no desenvolvimento do ser humano. Foi este conceito o que mais o afastou das teorias freudianas.

Freud acreditava numa dicotomia básica entre o homem e a sociedade, e também na velha teoria da maldade humana. Segundo Freud, o homem é, por natureza, anti-social devendo a sociedade conter os seus impulsos e «domesticá-lo». Como consequência de tais repressões, ocorreria no homem algo de milagroso: a sublimação, ou seja, a transformação dos impulsos naturais em tendências culturais que acabariam por constituir a base da cultura humana. Para Freud, as relações entre o homem e a sociedade seriam sempre as mesmas em todas as épocas e sistemas sociais, e em todas essas relações o homem procuraria a satisfação de necessidades instintivas.

«Eu — diz Fromm — contrariamente a Freud, creio que o problema básico da psicologia é o que se refere ao tipo específico de conexão do ser com o mundo, e não o da satisfação de necessidades instintivas. Nem estou de acordo com a concepção freudiana de que o indivíduo está dotado de determinados impulsos e a sociedade, como algo separado dele, frustra ou permite a realização dos mesmos». Fromm sustenta que, embora certas necessidades sejam comuns a todos — como a fome, a sede, o apetite sexual, etc. —, os impulsos que contribuem para estabelecer as diferenças caracteriológicas entre os homens — como o amor, o ódio, o desejo de poder, o desejo de submissão, etc. —, são resultado do processo social. «As inclinações mais belas, tal como as mais repugnantes, não fazem parte da natureza humana, fixa e biologicamente dada, antes resultam do processo social que cria o homem. A sociedade não se limita a cumprir uma função repressora, mas possui, também, uma função criadora, muito mais importante» (20).

(20) *Ibidem*, p. 37.

1. O homem social e historicamente diferenciado. Divergências relativamente a Freud

O homem cria a história, ao mesmo tempo que ela o transforma, ou o cria — afirma Fromm.

Para Fromm, o homem é o animal que tem o comportamento menos predestinado e cuja adaptação não se deve tanto ao instinto quanto à aprendizagem e à preparação cultural.

Pode-se dizer que Fromm entende o instinto como algo que diminui nos animais superiores, especialmente no homem. A adaptação à natureza baseia-se, para ele, essencialmente no processo de aprendizagem no quadro de uma cultura, e não no instinto.

Assim, na sociedade, mais do que a sua função repressiva, Fromm põe o acento na sua função criadora. Diz claramente: «a natureza do homem, as suas paixões e angústias são um produto cultural; na realidade, o próprio homem é a criação mais importante e a maior façanha desse incessante esforço humano a cujo registo chamamos história» (21).

A divergência, neste ponto, entre Freud e Fromm é evidente. Freud assumiu, como factores explicativos da conduta, certos impulsos biologicamente determinados, aceitando o pressuposto de uma «natureza humana» fixa e invariável, e situando o homem numa relação puramente mecânica em relação à sociedade. Em consequência disso foi induzido a elevar à categoria de «homem em geral» o modelo específico de homem que lhe foi dado observar, sem considerar o facto fundamental de que se tratava não somente de um organismo dotado de tendências biológicas comuns à espécie, mas também — e sobretudo — do produto de uma longa evolução histórica, resultante de um processo de diferenciação, que fizera

(21) *Ibidem*, p. 38.

dele algo de muito específico de uma época, de uma cultura e de um grupo social determinado.

Na concepção de Fromm, essa imagem universal do homem, proposta por Freud, foi abandonada, e considera-se o homem histórica e socialmente diferenciado, dotado de uma constituição biológica extremamente maleável e susceptível de se adaptar aos mais distintos ambientes naturais e culturais, através da modificação de si próprio e do ambiente.

Do que fica dito chegamos à conclusão de que, para entender a dinâmica do processo social, há que entender a dinâmica dos processos psicológicos que operam em cada indivíduo, do mesmo modo que, para entender o indivíduo, se terá que referenciá-lo à cultura que o rodeia⁽²²⁾.

Os conceitos que descrevemos levaram Fromm a analisar o conceito de 'adaptação'

2. A adaptação

Fromm distingue entre uma adaptação estática e uma adaptação dinâmica. A primeira é uma adaptação a normas que não alteram a estrutura do carácter e implica apenas a adopção de um novo hábito (Por exemplo, o abandono do costume chinês de comer de uma certa maneira, mudando para a maneira europeia, que requer o uso de garfo e faca). A adaptação dinâmica é a que transforma intimamente a psicologia do ser. (Por exemplo, é a que ocorre quando uma criança se submete a um pai severo e, porque o teme, se transforma num «bom menino»). Na dinâmica, então, ao mesmo tempo que o indivíduo se adapta, algo se transforma nele. Pode, igualmente, desenvolver uma grande hostilidade e reprimi-la, e esta hostilidade é um factor dinâmico na

estrutura do seu carácter. «Uma neurose é um tipo de adaptação dinâmica»⁽²³⁾.

Fromm considera que a *neurose* resulta das necessidades criadas a um indivíduo pela cultura, e das privações e frustrações das potencialidades a que o sujeita.

Se bem que a angústia perante a solidão seja a causa das neuroses, Fromm acrescenta que há dois outros factores que podem levar ou não àquelas, mas que sempre provocam desorganização, inconformismo ou ansiedade. Um é constituído pelos problemas éticos; o outro por determinadas condições sociológicas.

III. O AMOR PRODUTIVO, BASE DE UMA SOCIEDADE Sã

Para Fromm, uma sociedade sã é a que corresponde às necessidades do homem, não exactamente ao que ele crê serem as suas necessidades, porque até os objectivos mais patológicos podem ser sentidos subjectivamente como aqueles de que o indivíduo necessita, mas aos que objectivamente são as suas necessidades, tal como podem ser detectadas através do estudo do homem⁽²⁴⁾.

A saúde mental, segundo Fromm, caracteriza-se pela capacidade de amar e de criar, pela libertação dos vínculos incestuosos com o clã e com o solo, por um sentimento de identidade baseado no sentimento de si mesmo enquanto sujeito e agente das suas próprias capacidades e pela captação da realidade interior e exterior, quer dizer, pelo desenvolvimento da objectividade e da razão⁽²⁵⁾.

Fromm opõe-se ao critério, geralmente admitido, da psiquiatria moderna de que o patológico só pode definir-se em relação à falta de adaptação do indivíduo ao tipo de

⁽²²⁾ *Ibidem*, p. 39.

⁽²³⁾ *Ibidem*, p. 41.

⁽²⁴⁾ *Psicoanálisis de la Sociedad Contemporánea*, p. 25.

⁽²⁵⁾ *Ibidem*, p. 63.

vida da sua sociedade — e opõe-se com base em sólidas argumentações. Em primeiro lugar, esse conceito implica o pressuposto — evidentemente falso — de que todas as sociedades são mais ou menos perfeitas e, em segunda instância, conduz a um critério relativista sobre o que é a doença mental (um indivíduo estaria doente para uma sociedade e seria normal para outra), não tem um critério de saúde ou doença mental universalmente válido para a sociedade humana, e com o qual se possa julgar o estado da saúde mental de qualquer indivíduo em qualquer sociedade.

As sociedades podem tornar-se, na sua estrutura, nocivas para a saúde mental do homem, se essa estrutura impedir o desenvolvimento das potencialidades da natureza humana. Partindo desta premissa, Fromm defende que o critério para ajuizar da saúde mental não será o da adaptação do indivíduo a uma dada ordem social, mas um outro, universalmente válido, e para todos os homens: o de dar uma solução suficientemente satisfatória ao problema da espécie humana.

Depois de investigar profundamente o problema, e de ter analisado as características da sociedade moderna, Fromm conclui que o homem contemporâneo se encontra «desintegrado».

Fromm chama desintegração ao processo pelo qual o homem não se sente portador das suas próprias capacidades e riquezas, mas como uma coisa empobrecida que depende de poderes exteriores a si e nos quais projectou a sua força ou substância vital⁽²⁶⁾.

Chega, então, à conclusão que uma sociedade só é sã quando desenvolve a capacidade do homem para amar o seu próximo, para trabalhar criadoramente, para desenvolver a sua razão e a sua objectividade, e para ter um sentimento de si baseado nas capacidades produtivas próprias⁽²⁷⁾.

Passaremos a analisar, de seguida, o conceito de amor produtivo, fundamental para o desenvolvimento de indivíduos livres que possam integrar uma sociedade sã. Esta terceira parte do nosso trabalho basear-se-á essencialmente numa das últimas obras de E. Fromm, *El Arte de Amar*.

1. O amor produtivo — suas características

Em *El Arte de Amar*, depois de passar em revisão muitos conceitos expostos já noutras obras suas, Fromm analisa detalhadamente o que é que entende por «amor maduro».

Para Fromm, existem duas classes de amor:

- 1) a união simbiótica ou forma imatura de amar, de que o sadomasoquismo seria o exemplo típico;
- 2) o amor maduro que significa união, na condição de preservar a integridade do indivíduo, a sua própria individualidade⁽²⁸⁾.

No amor maduro dá-se o paradoxo de dois seres se converterem num só, e, no entanto, continuarem a ser dois.

Amar é dar, e, no próprio acto de dar — diz Fromm — ponho à prova a minha força, a minha riqueza, o meu poder. Essa experiência de vitalidade e potência exaltadas encham-me de felicidade. Experimento-me a mim próprio como transbordante, pródigo, vivo e, por isso, feliz. Dar produz mais felicidade que receber, não porque uma privação, mas porque no acto de dar está a expressão da minha vitalidade⁽²⁹⁾.

Não é fácil realizar o amor, como Fromm o entende, e talvez por isso mais de um autor qualifique as suas ideias como utópicas.

⁽²⁶⁾ *Ibidem*, p. 108.

⁽²⁷⁾ *Ibidem*, p. 66.

⁽²⁸⁾ *El Arte de Amar*, p. 30.

⁽²⁹⁾ *Ibidem*, p. 36.

A capacidade de amar dependerá do desenvolvimento caracteriológico da pessoa, e pressupõe que se atinja uma orientação predominantemente produtiva. Para ele, a pessoa precisa de ter superado a dependência, a onnipotência narcisista, o desejo de explorar os outros ou de acumular, e, por outro lado, necessita de ter fé nos seus próprios poderes humanos e na sua coragem para confiar na sua capacidade de atingir os fins que se propõe. Se o indivíduo não possui essas qualidades, terá medo de se dar e, portanto, de amar⁽³⁰⁾.

Características do amor maduro: Para além do elemento «dar», o amor activo implica certos elementos básicos que são comuns a todas as formas do amor produtivo:

- a) *cuidado* — implica uma preocupação activa com a vida e o crescimento do que amamos;
- b) *responsabilidade* — é um acto inteiramente voluntário, e constitui a minha resposta às necessidades, expressas ou não, de outro ser humano;
- c) *respeito* — que não significa temor e submissa reverência; denota a capacidade de ver uma pessoa tal qual ela é, ter consciência da sua individualidade única, e preocupar-se no sentido de a outra pessoa crescer e se desenvolver tal como é;

d) *conhecimento* — é uma qualidade indispensável para que se possam realizar as três anteriores. É impossível respeitar uma pessoa sem a conhecer. Por outro lado, o cuidado e a responsabilidade seriam cegos se não fossem orientados pelo conhecimento.

A única maneira de conhecer outro, segundo Fromm, é amando-o. «No acto de amar, encontro-me a mim próprio, descubro-me, descubro-nos aos dois, descubro o homem»⁽³¹⁾.

Fromm critica a sociedade ocidental, onde o amor — afirma — é um fenómeno relativamente raro; há, em seu lugar, formas de pseudo-amor que são, na realidade, outras tantas formas da desintegração do amor⁽³²⁾. O amor como satisfação recíproca e o amor como «trabalho em equipa» constituem as duas formas «normais» da desintegração do amor na sociedade ocidental contemporânea⁽³³⁾.

Concluiremos este trabalho com palavras do próprio Erich Fromm sobre a impossibilidade de fundamentar uma sociedade sã que não se baseie no amor produtivo: «Se é verdade, como se tratou de demonstrar, que o amor é a única resposta satisfatória para o problema da existência humana, então toda a sociedade que excluir, relativamente, o desenvolvimento do amor, perecerá a longo prazo devido à sua própria contradição com as necessidades básicas da natureza do homem.»⁽³⁴⁾

⁽³⁰⁾ *Ibidem*, p. 39.

⁽³¹⁾ *Ibidem*, p. 44.

⁽³²⁾ *Ibidem*, p. 101.

⁽³³⁾ *Ibidem*, p. 113.

⁽³⁴⁾ *Ibidem*, p. 155.

EUROPEAN ASSOCIATION FOR RESEARCH ON LEARNING AND INSTRUCTION

Na *I Conferência Europeia para a Investigação sobre Aprendizagem e Ensino*, o comité organizador apresentou a todos os participantes o programa da *European Association for Research on Learning and Instruction*.

A fundação de tal Associação é necessária por diversas razões. Uma delas é que a troca de ideias e de resultados de pesquisa na matéria tem sido, até hoje, fragmentária, acidental e muitas vezes baseada em relações pessoais. Nota-se, portanto, a falta de um *forum* europeu cobrindo diversos países, e orientado para problemáticas relativas a processos de aprendizagem, de desenvolvimento e de instrução, nos quais a conexão entre ensino e aprendizagem seja visível, e entendidos a partir de uma *micro-perspectiva*. Isto significa que o centro de interesses da *European Association for Research on Learning and Instruction* incidirá nos fenómenos do desenvolvimento e de aprendizagem na medida em que estes ocorrem, são influenciados ou modelados por factores materiais ou pessoais que se manifestam em situações reais de ensino.

Actividades possíveis da E. A. R. L. I.

— Publicação de uma «newsletter» regular para os membros da Associação

— Facilidades de tradução de manuscritos para Inglês

— Apoio aos membros europeus, ajudando-os a publicar os seus trabalhos em revistas internacionais (americanas, entre outras).

— Organização regular (bienal) de uma Conferência Europeia

— Publicação de um *Bienal Book on European Research on Learning and Instruction*

— Formação de Secções e organização de *Symposia* sobre assuntos específicos

A *I Conferência Europeia para a Investigação sobre Ensino e Aprendizagem* decorreu em Groot Begijnhof da Universidade de Lovaina (Bélgica) de 10 a 13 de Junho.

Para mais informações, contactar:

Dr. Hans G. L. C. Lodewijks / Prof.
Dr. Pieter Span

Secretary of the European Association
for Research on Learning and Instruction

Tilburg University, Department of Instructional Psychology

P. O. Box 90153, Building 5, Room 121
5000 LE TIBURG HOLLAND
Telef.: 13/662270 ou 13/662526